

Italo e Renno
Músicos

// Italo Almeida de Oliveira e Renno Saraiva Macêdo e Silva

Explosão mágica dos opostos: os irmãos que a vida faz em notas díspares, mas complementares

De cabelos negros e pele morena se faz Italo Almeida de Oliveira. Pele alva e cabelos castanhos claros compõem Renno Saraiva Macêdo e Silva. As diferenças entre a aparência de ambos não é o que notamos ao olharmos para os dois jovens rapidamente, quando entram na sala de entrevista. É que ambos estão vestidos de modo muito semelhante. Italo e Renno usam blusas quadriculadas e calças jeans escuras bem apertadas. Ambos estão calçados de sapatênis da moda. Os dois penteiam-se com cabelos espetados e cheios de gel. Nos acessórios, mais similitude: ambos têm uma pulseira de couro nos pulsos e colares rústicos nos pescoços. Quando paramos para observar mais atentamente, vemos que Renno é mais baixo que Italo, mas esse é só o primeiro contraste percebido entre os dois. O primeiro de muitos.

Renno carrega na fala as brincadeiras de um cearense nato, sempre pronto a fazer graça em qualquer situação. À medida que conta histórias de sua vida, salta a nossos ouvidos e mentes a melodia de um rapaz agitado, expansivo e cheio de vida para todos os lados. Renno carrega sem dúvida a alma frenética e inquieta de quem quer respostas diretas e objetivas para todas suas perguntas. Questionador por natureza, Renno possui a típica teimosia do cearense, em busca de saber o porquê de tudo, e saber logo. É que ele é acima de tudo sincero, prático e perspicaz com os sons que as circunstâncias da vida lhe oferecem. Renno quer mais é descomplicar. E o que a vida lhe pedir de bom, ele não hesita em fazer para alcançar seus objetivos. Renno é esperto e versado na arte da existência, sempre atento a qualquer mudança.

Italo tem a fala mansa e compassada, suave. Toda a personalidade dessa figura chega em notas serenas aos nossos ouvidos. Italo é daquelas pessoas que não têm pressa. Nem para falar e expressar o que se passa no coração. Está sendo entrevistado como se estar conosco naquele momento fosse o exato lugar onde ele deveria estar. É nessa mesma alma pacífica que há guardada a força de um jovem determinado, que não teme

em passar horas buscando o máximo de excelência em seus projetos. Italo é detalhista e cuidadoso com cada nova melodia. No falar, é maduro e articulado; quando ditas por ele as palavras soam profundas. Italo guarda sensibilidade e também a timidez do menino que entrou na música para mostrar-se para si mesmo, mas viu que o mundo não era tão estreito.

O universo quando juntou esses dois rapazes tão diferentes certamente previu uma explosão. Uma efusão foi quando os colegas do curso de música da faculdade dividiram o palco pela primeira vez, numa brincadeira do destino. A extroversão juntou-se com a introversão, a agitação com a calma e a inteligência com a sabedoria. E o que era tão diferente em personalidade, fez-se convergente em sonhos e projetos. A interação das diferenças compôs uma melodia bem concatenada, inteligente e prazerosa. Foi somando opostos que se equilibrou a incompletude de cada um.

Das explosões, nascem estrelas. A deles só podia ser música. Música alegre, bem produzida, popular e objetiva. Música para dançar, para ouvir, para cantar. Música para o povo, para pessoas simples. É assim que Italo e Renno definem o trabalho deles. Foi criando letras para o público compreender e se identificar, o caminho que eles escolheram trilhar, em busca também da qualidade técnica e musical. Atentos a cada tempo e modo musical, Italo e Renno querem que a música de ambos seja compreendida como livre. Livre de preconceitos, de estereótipos, de imposições. Para a estrela dos dois brilhar, Italo e Renno querem menos grades e mais portas abertas.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Fernando Wisse
Jéssica Colaço

Texto de abertura:
Ingrid Braquehais

Participação:
Alan Barros
Aline Conde
Fernando Wisse
Gabriela Alencar
Ingrid Braquehais
Jéssica Colaço
Jéssica Welma
Juscelino Filho
Vandecy Dourado
Yohanna Pinheiro

Fotos:
Isabel Filgueiras



Entrevista com Italo e Renno, dia 29 de maio de 2012.

Jéssica Colaço – Quando nós começamos a pesquisar sobre vocês e produzir a entrevista, toda vez que a gente falava em Italo e Renno, todo mundo dizia: “Ah, Italo e Renno, aqueles irmãos que cantam”, e a gente sempre dizia: “Não, eles não são irmãos”. Mas, afinal de contas, vocês se consideram irmãos?

Italo – Sem dúvida. Nós nos consideramos irmãos não só pela rotina, que é tão puxada, que é difícil até um irmão ter uma rotina puxada com outro, a não ser que eles trabalhem juntos, sejam sócios de uma empresa. Mas nós, não só pela rotina, mas pela afinidade que a gente tem, a gente se considera irmão, tenho certeza de que o Renno compartilha dessa opinião também...

Renno – Engraçado esse lance de irmão porque, curiosamente, a lara é irmã do Italo, trabalha com a gente (*lara Almeida, assessora da dupla*), e o Davi (*Saraiva*) é meu irmão, cuida da parte comercial da gente, é o nosso empresário. O Davi é meu irmão de sangue e o Italo, eu considero irmão de sangue, mas eu só quebro o pau com o Davi, a gente briga direto. Porque esse lance de trabalho é aquela história, quando você não tem o laço de sangue, é mais difícil, você pensa mais antes de quebrar o pau, né? A verdade é essa. A gente quebra o pau sempre entre irmãos, e comigo e o Italo, a gente mantém sempre a paz. (*risos*)

Jéssica Colaço – Italo, o seu pai (*Anchieta Marques de Oliveira*) não é músico. Mas ele falou com a gente em pré-entrevista, que sempre teve o desejo de que você seguisse pelo ramo da música. De que maneira isso influenciou na sua relação com a música, durante a infância?

Italo – Foi decisivo, na verdade. Meu pai não é músico por motivos de sobrevivência mesmo. Ele é um cara que nasceu em Jaguaribe, (*município do interior do Ceará*), numa cidade muito pobre. Ele saiu de lá e trilhou a vida dele com muita dificuldade, se alistou no Exército, foi ajudante de entregas, aquela coisa assim, bem difícil mesmo. Ele não teve oportunidade de seguir carreira de músico. Porque, você, quando não tem a família dando apoio, seguir carreira de músico, é muito difícil, principalmente aqui. No Nordeste do

Brasil, eu diria que, é o lugar onde os músicos são quase sempre autodidatas, né? A gente tem poucas escolas de música aqui no Nordeste. A UFC tem (*Universidade Federal do Ceará*), a Uece tem (*Universidade Estadual do Ceará*) curso superior de Música, tem o Conservatório (*Conservatório de Música Alberto Nepomuceno*), mas, fora isso, a gente não tem muitas oportunidades de estudar música. Para o sujeito ser autodidata e seguir uma carreira profissional, ele precisa do apoio da família. E o meu pai, já na época de escolher o meu curso, a minha faculdade, eu escolhi Música com o apoio dele. Ele me custeou pra estudar música não porque fosse um sonho só dele, porque era o meu também. Eu descobri que queria ser músico, que a minha vida seria de música, mais ou menos com uns 16 anos, por aí. Fiz vestibular, passei e ele me custeou os primeiros anos, até eu começar a trabalhar. Foi fundamental não só esse apoio financeiro, mas o apoio moral. Você imagina que é muito difícil você deixar a empresa do seu pai, onde você ajudava – eu era o braço direito do meu pai. Os primeiros anos até foram bem difíceis pra mim porque, de repente, eu me joguei num universo profissional que tinha muitos pontos duvidosos na minha cabeça, muita gente irresponsável trabalhando com música, muita gente trilhando caminhos errados, era uma coisa muito noturna e eu não estava habituado. No início, eu dei uma vaciladinha, pensei em desistir, mas, mais uma vez, meu pai foi decisivo com seu apoio e eu decolei na carreira de músico. Realmente, passei a viver de música, em alguns momentos até passei a ajudar meu pai. Foi decisivo (*o apoio dele*) pra mim.

Fernando – No teu caso, Renno, o teu pai era músico. A gente foi conversar com ele e ele falou que foi um dom hereditário...

Renno – (*interrompendo*)... Foi, foi meio hereditário, meio forçado também, porque eles (*os pais*) forçavam a barra... (*risos*) Eu não queria, cara! No começo, logo, da minha história com música, eles compraram, de uma muambeira que morava vizinho à casa da mãe (*Maria Alda*), (*e*) trazia as coisas do Paraguai – naquela época que trazer as coisas do Paraguai era coisa pra barão – um te-

A indicação da dupla Italo e Renno foi feita pela Aline Conde, que é fã da dupla, e disse que seria boa a experiência de entrevistarmos duas pessoas no contexto da Revista Entrevista.

Alguns integrantes da turma nunca tinham ouvido falar da dupla de sanfoneiros, mas, ao fim da entrevista, todos tinham pelo menos uma música de Italo e Renno na ponta da língua.

Na hora de marcar a entrevista, a produção ficou bastante apreensiva porque só seria possível em uma data específica. A sorte é que única data livre da dupla era justamente o dia previsto pela turma.

cladinho pequeno, um PSS 280, por aí tu tira, parceiro (*virando-se para o Italo*). As teclas quase não cabiam os dedos, (era) pra criança mesmo. E um teclado que foi onde abriu as portas pra mim...

Italo – (*interrompendo*)... Mais uma coincidência viu, parceiro? Eu comecei com o mesmo tecladinho, PSS 280, aliás, 270.

Renno – O meu era 280, dez reais a mais (*risos*). Esse lance desse teclado foi decisivo. Mas ganhar um teclado e ganhar um carinho, pra mim era a mesma coisa, ainda hoje é assim. Eu sou muito hiperativo, então as coisas, pra mim, funcionam de maneira muito imediata. Um dia desse um comprei um helicóptero, daqueles de brinquedo. O helicóptero tá lá em casa, eu acho que eu devo ter usado uma semana. Eu não curto muito. E com o teclado foi do mesmo jeito, me encantou e tal, eu passei umas duas, três tardes tocando nele o dia todinho. Depois de três dias tocando nele, sem tomar banho, sem almoçar, sem dormir (*brincando*), já deixei o teclado de lado. Meu pai, pra não deixar isso acontecer, me colocou numa aula de teclado que ficava, mais ou menos, a uns quatro quarteirões da minha casa. Alguém ia me deixar lá, não lembro quem, e eu passava a tarde comendo pipoca, e a professora me enrolando, comendo o dinheiro do meu pai, e só fazendo pipoca. (*risos*) Ou seja, eu acho que dos oito aos 12 anos, eu aprendi pouquíssima coisa. Mas eu aprendi muito, como o Italo falou, de forma autodidata, porque os próprios professores – os informais, não os professores de nível superior – têm uma dificuldade de passar o conteúdo porque não há uma didática, eles não foram preparados pra isso, e é até um ponto que, depois, as instituições públicas precisam avaliar, porque, como é que eu vou colocar um cara no curso superior de Música se ele não tem base? Como é que ele vai chegar no curso superior de Música? Existe essa dificuldade de base, de entendimento de música na base colegial.

“(...) eu chegava em casa, da escola, soltava os livros e já ia correr pra música, sempre foi assim, até os 16 anos, até a época do vestibular.”
- *Italo*

O contato com o empresário e a assessora da dupla foi fácil, e eles se mostravam sempre acessíveis. A única demora foi para que a assessora nos passasse contatos de pessoas com quem pudéssemos pegar informações sobre Italo e Renno, o que deixou a produção apreensiva.

E eu nunca tive isso.

A maior parte das coisas que eu aprendi, se você for colocar na balança, não foi na universidade, não foi com a professora. Com a professora eu comia pipoca, na universidade eu já sabia de muita coisa. Foi sozinho mesmo, e acredito que o Italo (*foi*) da mesma forma. Nós entramos na faculdade já sabendo de uma porrada de coisas, de História da Música à Teoria Musical, passando, obviamente, pela prática de conjunto, de tocar em banda e tal. Depois dessa história de aprender a tocar teclado, foi onde entrou a história do meu pai. Começaram a me botar (*para*) tocar nas festinhas de criança, e eu (*ia*) puto da vida. Não queria tocar porque, enquanto eu tava tocando, tinha uma porrada de menino brincando – aí, pô, como é que pode? É massacre, né? Eu tocava lá, e a galera brincando, eu chorava, era maior dor de cabeça. De vez em quando, ganhava 50 conto, e tal. (*risos*). Tocava e cantava, era ridículo o papel ao qual eu me prestava, eu vendo hoje... Porque era um lance que não tinha nada a ver comigo, eu fazia aquilo porque meu pai e minha mãe queriam, e eu ficava puto da vida. Eu sei que, nessa história de tocar pra essas crianças, ela (*a mãe de uma aniversariante para quem ele estava tocando, na festinha*) chegou pra mim e falou: “Meu filho, tá aqui pra sua merendinha”. Meu irmão, quando ela botou na minha merenda (usou a palavra enganado, na verdade, referia-se à mão) aquele bolozinho de cédula eu disse: “Putá merda, isso aqui dá pra eu merendar (*durante*) um ano (*risos*). E foi onde deu o grande estímulo da minha carreira, foi que eu disse: “Pô, bicho, eu vim aqui, chorei pra cacete, mas no final ganhei uma graninha, então isso é bom”. Foi onde deu a virada: eu comecei a pensar no lance de tocar de uma forma mais profissional. Até uns 14, 15 anos eu toquei nessas festas.

Aline – Renno, esse desejo que seus pais tinham de que você fosse músico era só com você ou era com os seus outros irmãos também?

Renno – Não, não. Ninguém lá em casa tinha inclinação pra música. Meu pai também não chegou a forçar ninguém, só eu fui forçado a estudar (*risos*).

Aline – Por quê?

Renno – Não sei, não sei. Lá em casa, somos quatro filhos (*Antonio Luiz Filho, Rommel e Davi são os irmãos*), eu fui o único que fui forçado a ingressar na música, mesmo porque os outros não tinham aptidão. O meu irmão Rommel, que hoje é engenheiro, já tocou também, mas não aguentou a pressão. E o Davi também tinha uma banda de rock, toca bateria também. Mas em nenhum deles

a gente notava, não enxergava essa aptidão. Eu fui o único, realmente, que tinha aptidão, e gostava de fazer a onda, depois, obviamente, de ser forçado, trabalho escravo (*brincando*). Depois de ser forçado, eu aderi à moda da música.

Gabriela – Renno, você chegou a cursar três semestres do curso de Biologia na UFC.

Renno – Foi, foi, eu fiz três semestres de Biologia na UFC. Rapaz, essa eu vou contar aqui e vocês vão rir da comédia. Depois de meus pais forçarem, forçarem, forçarem e forçarem pra eu fazer música, quando fui fazer vestibular, (*fui*) me inscrever na UFC e na Uece, Biologia na UFC e Música na Uece. Quando eu passei nas duas, a pressão: “Não, você não vai fazer Música”. Eu disse: “Porra!”. Meu pai: “Deixe o Renninho fazer Música”. Mas minha mãe: “Meu filho, Biologia é mais difícil, não sei o quê”. E a minha mãe: “Como é que esse cara vai viver de música?”. As pressões foram fazendo minha cabeça, entrei na Biologia, tive de abandonar Música, porque não dava pra cursar os dois. Nessa história de fazer Biologia, passei três semestres indo, e um dos motivos pelos quais eu abandonei foi porque eu tinha de ir, de bicicleta, da casa da minha mãe, que era no Montese (*bairro de Fortaleza*) até o Pici (*campus da UFC que fica situado em bairro homônimo, distante 5,2 Km do Montese*). Porque o Franciscó Sá/Parangaba, que era o ônibus que passava (*Linha de ônibus que vai do bairro Parangaba à Barra do Ceará, passando pelo bairro Montese e pelo campus do Pici*), ele passava de 40 em 40 minutos, e lotado (risos). Eu cansei de perder esse ônibus, perdia prova. Comecei a ir de bicicleta, só que era muito cansativo. Tem muita gente que chora miséria quando é artista: “Ai, porque não sei o que, porque eu não tinha dinheiro pra almoçar” (*imitando lamentação*). Mas realmente eu não tinha grana pra almoçar, não. Voltava pra almoçar (*em casa*), depois ia de novo pra assistir aula à tarde, e voltava. Porra, é longe pra cacete, e é cansativo pra caramba! Eu já levei queda no caminho, no meio da José Bastos (*avenida de Fortaleza que liga o bairro Parangaba ao centro da cidade*), cheguei todo arrebitado, as mãos cortadas, os beijos cortados. Então, eu tinha meio que um complexo de inferioridade no meio da turma. Como a gente sempre estudou com bolsa, meu pai e minha mãe, funcionários públicos, nunca tinham grana sobrando, eu sempre me senti inferiorizado. E a galera, também, metia o bullying na parada, não tinha pena. Via aquele cara magrinho, cheio de espinhas, cara de Zé Ninguém, chegando de bicicleta, a galera sentava o pau, todo mundo chegando de carro... Então, eu



me decepcionei muito com o curso de Biologia e, depois de três semestres, eu abandonei, não cheguei nem a trancar, larguei. Eu disse: “Nunca mais eu vou praquela merda”. Vim pra Música, fiz vestibular de novo e me encontrei lá.

Jéssica Colaço – Renno, em pré-entrevista, os seus pais falaram que o que motivou essa mudança do curso foi, na verdade, uma paixão pela música, e não uma repulsa à Biologia.

Renno – Foi, foi. Mas a paixão pela música é o que eles sabem, é a parte que eu contei pra eles, né? (*risos*) Porque se eu chegasse assim: “Porra, não vou mais pro curso de Biologia porque eu tenho preguiça de ir de bicicleta...”. Mas não era preguiça, era um esforço desumano, era muito pesado.

Jéssica Colaço – Italo, qual foi o primeiro instrumento que você aprendeu a tocar?

Italo – Foi um tecladinho igual a esse que ele falou (*referindo-se ao teclado de Renno*). Eu até brinquei na hora que ele falou, a gente tem tantas coincidências na vida da gente, que às vezes se torna engraçado. Foi esse tecladinho e um violão também, foi simultâneo. Hoje eu toco piano, teclado, violão e acordeon.

Ingrid – Italo, o Renno já nos contou como foi a vivência dele com a música na adolescência. E a sua, como foi?

Italo – Foi um pouquinho parecida. A diferença é que eu chegava em casa, da escola, soltava os livros e já ia correr pra música, sempre foi assim, até os 16 anos, até a época do vestibular. Não tinha esse lance de eu não gostar... Quando eu chegava nas festinhas eu queria ir tocar, sabe? Não queria saber de jogar bola e tal. Uma semelhança é que o meu pai também me fazia tocar, por exemplo, oito horas direto... Meu pai chegava com os amigos dele em casa, meio-dia: “Meu filho, vem cá, toca aqui pro fulano”. Eu ficava de meio-dia até oito horas da noite tocando, sabe? Eu enjoava de tocar, (*e meu pai*): “Não, meu filho, só mais essa, toca aquela”. E vai até oito horas da noite. Era mais ou menos essa relação.

Renno – (*interrompendo e rindo, ao lembrar que passava pela mesma situação*)... É

Quando a assessora passou os contatos, a produção foi a campo fazer as pré-entrevistas. Depois de falar com o professor Tadeu Feitosa, da UFC, foi a vez de ir até a casa dos pais do Renno, no bairro Montese.

A equipe de produção não conhecia o bairro em que os pais de Renno moram, e a única maneira de chegar lá era de ônibus, já que a produção não tinha carro. Graças ao GPS do celular da Jéssica Colaço, a equipe escapou de se perder.

Ao chegar à casa dos pais do Renno, a produção deu a sorte de encontrar também o irmão dele e empresário da dupla, Davi Saraiva. A pré-entrevista aconteceu com ele, seu Antônio Luiz e dona Aldinha, pais do Renno.



a pior parte, terrível!

Italo – Como a gente entra na universidade ainda adolescente, lá na universidade, uma das coisas mais legais que acontecem é que você conhece outros músicos. Então, ainda na adolescência, eu tive contato com outros músicos, e você forma a primeira banda, toca o primeiro show, nos primeiros palcos da cidade. Os meus primeiros shows foram ali no The Wall (*The Wall Bar Cultural, antigo barzinho de Fortaleza*), não sei se vocês pegaram essa época, o professor com certeza conheceu o The Wall (*virando-se para o professor Ronaldo Salgado, que responde com sinal afirmativo de cabeça*).

Jéssica Colaço – Italo, de onde surgiu a motivação em ter uma formação acadêmica em Música?

Italo – Ter uma formação acadêmica... Aos 10 anos eu saí de Fortaleza, a gente foi para o Rio Grande do Norte, e lá, depois de morar em Natal, que é a capital, a gente foi pra Mossoró (*cidade do Rio Grande do Norte*), e lá não existia, na época... Existia um conservatório (*Conservatório de Música D'Alva Stella Nogueira*), só que era tão pequeno, era tão escondido, que a sociedade (*em geral*) não participava daquele conservatório, então eu não fiquei sabendo. Eu não sabia, até os 15, 16 anos, que existia curso superior de Música. Eu não sabia que existia faculdade de música, eu não sabia que numa universidade poderia se estudar Música. Na minha cabeça, era só engenheiro, médico, arquiteto... Pouco antes do vestibular, seis meses antes do vestibular, meu primo, Beto, chegou pra mim: "Italo, por que tu não fazes Música? Tu gostas tanto de música". Eu falei: "Música? Onde? Mas eu quero fazer faculdade, cara". (*O primo:*) "Música, faz faculdade de música, lá tem". (*Ele:*) "Cara, eu não acredito não". Eu fui na Uece, depois que eu constatei que existia mesmo, eu prestei (*vestibular*) pra Música.

Eu já sabia que eu queria viver de música, queria ganhar a minha vida com música. Eu queria usar minha inteligência pra música, sabe? Queria fazer alguma coisa nova, ou então, sei lá, queria realmente mergulhar

na música, e, na minha cabeça, a universidade deveria ter alguma coisa muito legal lá, porque é um curso superior. A gente sempre via os mais velhos indo pra faculdade e ali ir fazendo a sua vida, e como eu queria fazer minha vida de música, eu embarquei no curso, mesmo nem sabendo do que se tratava, na verdade. É tanto que, a maioria das pessoas se engana. O Curso Superior de Música aqui – eu não sei qual é o estilo da UFC, o ambiente, mas na Uece é erudito, clássico. E eu não fazia a menor ideia do que era música erudita, na época. Pra mim, (*era*) o meu tecladinho, na minha casa, (*eu*) tocava o que saía no rádio e pronto. Era muito perceptivo, era muito auditiva a minha música. Eu era um autodidata, tanto que, quando eu fui entrar na Uece, eu fechei a prova auditiva, de percepção, e tirei um cinco na prova de teoria porque só deu tempo estudar três meses, pra entrar na faculdade.

Então, foi isso que me incentivou, era saber que ali era o meu futuro. E realmente foi. Apesar de eu ter entrado sem conhecer, sem saber o que me aguardava, lá foi onde eu aprendi a ler partitura, todo o métier teórico da música – que se estuda pelo menos na música clássica, erudita – e isso, junto com a prática, você se fortalece duas vezes mais, e acontece com todos que lá estão. Você aprende a se comunicar com outros músicos, aprende a colocar no papel a sua música, a ler, né? Você deixa de ser um cego, aprende a ler música. Você pega música do mundo inteiro e lê, aprende, internaliza aquilo ali no ouvido. Pra mim, foi fundamental a faculdade de Música.

Aline – Como vocês se conheceram?

Renno – Foi lindo... (*brincando, desperta risadas da turma*)

Italo – A gente se conheceu assim: eu ouvi falar do Renno e ele ouviu falar de mim, na época da faculdade, mas a gente não chegou a...

Renno – (*interrompendo*)... Eu posso... Eu vou contar a verdade, certo? Ele não vai contar porque, quem conheceu ele fui eu, ele não me conhecia. O Italo é um pouquinho mais velho que eu, uns 15 anos (*brincando*). Ele entrou na faculdade e, quando eu entrei, ele já estava lá. Na minha primeira aula, no meu primeiro dia, que tem o negócio do trote, os caras botaram a gente numa sala de aula e tal. O trote foi o seguinte: na hora do intervalo, fizeram uma espécie de apresentação musical, e nessa apresentação musical era o Italo com um baixista do Rio Grande do Norte, que na época tocava com ele, era o Primata – não sei se tu lembra disso aí (*direcionando-se para Italo*) – no auditoriozinho lá da Uece. E eu vi aquele cara tocando

Enquanto a produção falava com os pais de Renno, Davi Saraiva tuitava, registrando a presença da equipe: "@jessicacolaco_f @fernandowisse sejam bem-vindos!!! #BoraPraCima com @italoerenno".

e disse assim: "Putá que pariu, eu tenho de tocar igual esse cara, qualquer dia". Porque ele já tocava muito, tocava muito. Estava há uns dois anos na faculdade...

Italo – (*interrompendo*) Tocava do meio-dia às oito (*brinca, gerando risos*).

Renno – Porque, diferente de mim, ele é, como é que se diz... O Italo tem uma facilidade muito grande de pegar uma coisa aqui e passar um ano nesse negócio, sabe? Ele tem essa capacidade de concentração, de dedicar o tempo dele àquele projeto. E ele ficava na sala de aula internado, saía só pro almoço, voltava e pá, pá, pá (*imitando Italo tocando piano*). Ele sempre teve essa facilidade de foco, de concentração num projeto, que eu já sou diferente, eu me concentro em várias coisas ao mesmo tempo e não faço porra nenhuma. Todo mundo chamava ele de Senninha (*em alusão ao piloto de Fórmula 1, Ayrton Senna*), porque ele era ligeiro, tocava ligeiro pra caramba. E desse dia que eu o vi tocando, eu fui começando a querer estreitar os laços, eu (*o*) conhecia, mas estava muito distante. E a gente foi se estreitando, ficando mais próximos. Nesse meio termo, eu o vi se apresentado no Programa Ênio Carlos (*programa de auditório exibido pela TV Diário, emissora de Fortaleza*), na época que o Ênio Carlos ainda tocava músicas diferentes, não tocava só forró. Eu o vi (*Italo*) tocando lá, tocando na Marimbanda, que era um projeto dele, projeto instrumental – que fez história e, ainda hoje, tem um caminho muito bonito em Fortaleza. Então, eu fui ver o show de estreia da Marimbanda. Levei meus três irmãos, porque, quando eu vi na TV, eu não acreditei, era só música instrumental, eu nunca tinha assistido ninguém tocando música instrumental, música brasileira, jazz e essa coisa toda. E eles já faziam isso. Ao final do show, eu comprei o CD deles. E eu comecei como fã dele (*do Italo*), entendeu? E depois, ele que virou meu fã, ó cara! Pra tu ver, né? Hoje ele é meu fã, eu não sou mais fã dele (*rindo*).

Jéssica Colaço – Quando vocês entraram na faculdade, vocês já pensavam em ter essa fama artística que vocês têm hoje?

Italo – Tinha nada! Tinha não.

Jéssica Colaço – Quais eram as perspectivas que vocês tinham?

Italo – Pra mim, é óbvio que eu queria viver de música, mas, sinceramente, eu não tinha noção de que dava pra ganhar dinheiro com música. Viver de música para mim era como... Tem de er algum lugar pra escapar, porque eu não quero fazer outra coisa, eu quero fazer isso aqui. Se der pra eu viver, tá bom então. Eu pensava assim.

Renno – (*interrompendo*)... Mas é porque

ele já ia pra faculdade de carro.

Italo – (*Risos*) Eu não tinha pretensões de ficar isso ou aquilo, não. Eu tinha pretensões, realmente, de construir minha casa, talvez montar uma escolinha de música, e viver ali, com aquilo ali. Mas a vida da gente toma outros caminhos, e tudo muda constantemente. Hoje a gente está aqui, com esse trabalho, e, talvez, daqui a 50 anos, sejam outros projetos, a gente não sabe.

Jéssica Colaço – E você, Renno?

Renno – (*rindo*) Eu era pra ser empregado dele (*Italo*), hoje (*risos*). É sério, não é sacanagem não, vocês estão rindo, mas é verdade! Porque a gente sempre teve vontade de fazer um trabalho autoral, sólido, como toda pessoa que sonha e quer ser um artista. É o normal, você começa a tocar e vai passar o resto da vida liso? Não, você quer ser alguém na vida, e com a gente não foi diferente não. Eu frequentava a casa dele, a gente estudava, ele passava alguma coisa, até cogitei de ele me dar umas aulas, mas ele: "Não cara, eu não dou aula, vem aqui que a gente conversa". Ele sempre muito educado, muito cortês. E depois (*ele*) se mudou pros fundos da casa da minha mãe, no Montese. Passava uma rua, a casa dele era a de trás. Então, a gente acabou ficando um pouco mais próximo. Eu frequentava lá, e a gente começou a criar laços. Alguns trabalhos que ele não podia fazer, ele já passava pra mim, ou seja, eu pegava a rebarba dele. A gente acabou acompanhando a mesma galera, ele, dois anos na frente, e eu, dois anos atrás. Logo depois, surgiu a ideia de ele fazer um trabalho autoral, e (*ele*) me chamou numa reunião na casa dele, com outros músicos, pra gente acompanhar. Ele ia ser o cantor e a gente ia ser a banda. Como a gente era muito próximo, ele queria que eu fosse o tecladista – nessa época, eu não tocava sanfona. Esse lance não foi pra frente – não sei porque, nunca a gente conversou sobre isso – mas, graças a Deus não foi pra frente. Momentos depois, um ano e meio depois, eu já estava tocando sanfona também – a sanfona, pra quem não

"(...) a gente sempre teve vontade de fazer um trabalho autoral, sólido, como toda pessoa que sonha e quer ser um artista."

– Renno

Durante a pré-entrevista, seu Antônio cantou a música Papo de Pai, que ele fez para o filho quando Renno tinha 25 anos. A música era acompanhada pelo violão e pela voz de Dona Aldinha. Salgado.

Ao final da pré-entrevista, a produção ganhou um lanchinho, preparado por dona Aldinha, e alguns CDs de Italo e Renno, cedidos pelo empresário da dupla, para que a turma pudesse ouvir.

O passo seguinte foi entrevistar os pais de Italo, seu Anchieta e dona Maria Ivone. Como moram muito afastados do centro de Fortaleza, eles mesmos se ofereceram para ir até a faculdade, dar entrevista para a produção.

sabe, surgiu na nossa carreira bem depois, já quando a gente tocava profissionalmente com todo mundo. Então foi uma opção, trocamos o piano pela sanfona, de verdade. E o Italo chamou, (*mas*) esse projeto não deu certo.

Juscelino – Vocês falaram que chegaram a trabalhar na banda do Fagner (*cantor, compositor e instrumentista cearense*). Como vocês chegaram até lá?

Italo – Ralando muito. Eu cheguei lá primeiro, foi por indicação de um músico fantástico que tem aqui em Fortaleza, chamado Adelson Viana – inclusive, eu o considero um dos maiores acordeonistas do mundo, ele é um cara muito estudioso, um cara muito centrado, eu aprendi muito com ele. Eu cheguei até ele através da Marimbanda. De repente, abriu essa vaga lá no Fagner, de pianista, e ele me indicou. Eu ainda era muito novo, tinha 19 anos, por aí. Fui pra lá e lá eu ganhei muita experiência. A gente viajou muito. Com quatro anos e meio, mais ou menos, eu saí. O Fagner reformulou a banda dele, lançou um disco acústico, fez um trabalho com

ninguém. Eu falei: “Cara, a única solução é eu cantar, vou cantar, vai ser só essa vez, eu encaro”. Como eu nunca tinha cantado e tocado, eu fiquei meio nervoso, com medo, e eu liguei pro Renno: “Cara, vamos lá, tocar comigo”. Pra me ajudar, né? De repente eu começava a cantar e esquecia de tocar, né? E ele foi. E, para nossa surpresa, foi um momento... Musicalmente, a interação da gente foi muito grande, a gente brincava de solos um com o outro, eu tocava na sanfona dele, brincando. Sabe aquele momento em que você vai fazer um trabalho e acaba virando diversão, uma grande festa? Uma festa em cima do palco. O pessoal tava curtindo, mas a gente tava curtindo ali, em cima do palco, e a banda também curti. E os comentários, depois, foram muitos, o pessoal veio dizer, pro dono da casa, que aquilo ali tinha sido massa, e o pessoal até subia em cima da mesa, cantando... Foi uma euforia geral, né? Foi quando deu aquela luzinha: “Cara, a gente tem de montar um trabalho juntos” (*diálogo com o Renno*). Na época, a gente ainda embarcou no trabalho errado. Errado entre

“(...) é óbvio que eu queria viver de música, mas, sinceramente, eu não tinha noção de que dava pra ganhar dinheiro com música.”

Italo

o Zeca Baleiro (*cantor e compositor de MPB*). E pouco tempo depois, ele voltou com outra banda, e foi quando o Renno entrou na banda dele. Nesse período que eu saí, eu ainda acompanhava uma galera aqui (*músicos e bandas*) e era professor de piano na Escola Viva Música (*escola de música em Fortaleza*), ensinava piano pra crianças.

Nesse período que eu saí, eu ainda acompanhava uma galera aqui (*músicos e bandas*) e era professor de piano na Escola Viva Música (*escola de música em Fortaleza*), ensinava piano pra crianças. Nesse tempo, eu acompanhava um cara, e a gente tocava às quartas-feiras ali no Boteco (*barzinho de Fortaleza*), a partir das nove da noite. A minha última aula acabava 20h50min, eu saía correndo e ia tocar às nove horas da noite, lá. Quando foi (*um dia*), seis horas da noite, o cara lá do Boteco me ligou: “Cara, indica outro músico pra tocar, porque o Val (*Val Xavier, cantor e compositor pernambucano, que ia se apresentar no dia*) precisou viajar, teve problemas com a família dele, em Recife, ou foi com o trabalho dele, (*e*) viajou”. Eu não tinha quem indicar, não conhecia mais

aspas, um trabalho diferente, errado não, diferente, que foi o Briga de Foice. O Briga de Foice foi um projeto que a gente montou, que era uma dupla de músicos instrumentistas, nós não íamos cantar.

Jéssica Colaço – Antes do Briga de Foice vocês já tinham passado pela Marimbanda e pelo Timbral?

Italo – Isso, isso.

Ingrid – Qual foi a importância da fase da Marimbanda e do Timbral pra vocês?

Italo – Musicalmente, foi a fase mais importante, disparado! Mais do que faculdade, mais do que Fagner, mais do que o nosso trabalho aqui, hoje. Em termos de aprendizado, de conquista de conhecimento, de prática mesmo, de laboratório. A Marimbanda, só pra vocês entenderem, era um quarteto de música instrumental, formado por piano, bateria, baixo e flauta. Eu era o único mais novinho na época, sei lá, com 18 anos, por aí. O resto da galera era: o Júnior Primata, que era aclamado como um dos maiores baixistas do Brasil, veio de Natal pra cá; Luizinho Duarte, um músico já com 35 anos de profissão, que já tinha tocado com Elza Soares, Maria

No dia marcado para a pré-entrevista, porém, houve um imprevisto e os pais de Italo não puderam ir para a UFC. Então, seu Anchieta se ofereceu para ligar para a produção e dar a entrevista por telefone.

Bethânia (a primeira, cantora e compositora, a segunda, cantora, ambas brasileiras), todo mundo; e o Eriberto Porto, que tinha mestrado, doutorado e pós-doutorado em flauta, música clássica e jazz, na Europa. Eu estava no meio de três leões, querendo tocar tudo, fico todo arrepiado quando eu me lembro.

No meu primeiro ensaio, sentei acanhado que só não sei nem o que, na casa do Luizinho, era na sala dele. A bateria montada, caixa de som e tal. O Luizinho, muito simpático, botou uma partitura desse tamanho na minha frente (afasta as mãos tentando mostrar o tamanho da partitura). Enquanto eles lanchavam eu pensava assim: "Meu Deus, como é que eu vou tocar isso aqui? A vergonha que eu vou passar aqui". Mas o grupo Marimbanda não foi só uma banda, foi um grupo de quatro amigos, e, nessa ajuda mútua, a gente foi desenrolando as coisas e ele acabou virando um grupo de referência no cenário cearense e brasileiro, também. A gente lançou disco pelo iTunes (reprodutor de áudio desenvolvido pela empresa Apple

menos da idade do Renno, todo mundo com muita garra, muita sede e tocando tudo. Foram dois grupos que fizeram história aqui em Fortaleza.

Gabriela – Renno, o que você guardou da fase do Timbral que influencia ainda hoje na sua carreira?

Renno – A fase do Timbral foi excepcional, principalmente, porque, no Timbral eu aprendi a quebrar todos os preconceitos, se não todos, boa parte deles. Porque o nome Timbral já sugere isso, o nome Timbral não quer dizer nada, ninguém sabe. Mas o Timbral foi o nome que o Lu de Sousa, que é o mentor do projeto, quando nos convidou, ele pensava numa música plural, nos timbres e plural, aí veio Timbral – eu acho que eu vou explicar pra ele isso aí, que eu acho que nem ele sabe. Ele queria montar uma banda pra acompanhar todos os cantores de Fortaleza, uma banda boa, que tivesse entrosamento. O Timbral fez muitos shows, fez alguns festivais, tocamos dentro de teatros a terminais



para reproduzir e organizar música digital e também para comprar esses arquivos), lançou disco no Japão – não fomos lá, né? Mas a gente lançou esse trabalho lá –, viajamos, fizemos todos os grandes festivais do país, fizemos turnê no Rio de Janeiro, com seis, sete shows, em São Paulo também. Depois que a gente montou nosso trabalho (dupla com o Renno), eu precisei sair do grupo porque não estava batendo, questão de agenda, mas foi a fase mais importante, no meu aprendizado musical, até hoje, sem dúvida nenhuma. E eu acredito que o Timbral também teve essa mesma importância pro Renno, ele vai poder falar um pouquinho melhor da experiência dele, que foi muito parecida, embora eu tenha trabalhado com músicos de mais idade. O perfil era outro, era um perfil de músicos de muita experiência, e o Renno, na banda dele, eram músicos novos, mas todos com muito talento, sabe? Era o Lu de Sousa (guitarra), o Miquéias (Miquéias dos Santos no baixo), o Renno e o Neo (Neo dos Santos, na bateria). Eram músicos novos, mais ou

de ônibus. O grande lance foi isso, não tinha tempo ruim, a gente pegava os instrumentos da gente, pegava liberação da prefeitura e ia tocar no meio do Passeio Público (praça pública mais antiga de Fortaleza), tocamos no terminal do Siqueira, no terminal do Conjunto Ceará (terminais de ônibus que interligam os bairros de Fortaleza) e a galera passava e não entendia porra nenhuma, que era música instrumental, mas ninguém reclamava. A galera passava admirada. Vez por outra a gente chamava um cantor, pra dar uma aliviada, para as pessoas entenderem mais. A gente fazia um trabalho mais de música conceitual. Pegava uma música do Bob Marley, uma música do Elton John, dos Beatles (cantor, guitarrista e compositor jamaicano de reggae; cantor e compositor inglês; banda de rock britânica, respectivamente), fazia uma onda, né? Música que a galera conhecesse, e pudesse fazer outra roupagem na música. O Timbral foi massa, foi uma fase muito boa, que eu passei, e tive de sair pelo mesmo motivo que o Italo teve de sair da Marimbanda.

As famílias dos sanfoneiros são bastante unidas. Ao falarem uns dos outros, eles usam sempre palavras de carinho e afirmam que, com a formação da dupla, cada um deles ganhou mais um filho.

Nos dias que antecederam a entrevista com Italo e Renno, a música *Some Love*, composição mais recente da dupla, ficou na cabeça de toda a equipe da entrevista. O Juscelino Filho aprendeu a tocá-la no violão, um dia antes da entrevista.

Em junho de 2012, o clipe da música *Tome Love*, gravado no heliponto de um prédio, já tinha atingido mais de 50 mil visualizações no canal da dupla no Youtube.

Uma grande dificuldade que a gente teve (*ele e o Italo, como dupla*) foi trabalhar em conjunto, porque, na época que a gente estava tocando (*já em dupla*), o Italo tocava com a Marimbanda, eu tocava com o Fagner. Aconteceram vários shows de ele (*Italo*) fazer sozinho. Era Forró de Dois, na época, aí, Forró de Dois, só ia um. Era cruel, era sofrimento (*rindo*)! A gente (*dizia*): "Porra bicho, a gente não vai pra frente desse jeito, ou a gente larga tudo o que a gente tem e vai morar junto, e casa logo (*brincando*)... Ou a gente larga toda essa galera e vai viver uma vida profissional ativa, ou então não tem sentido". Foi quando a gente resolveu largar todos os nossos trabalhos paralelos e ingressar de vez na música, cair de cabeça nesse trabalho, que hoje é o que sustenta a gente e mais 24 famílias que estão ali com a gente, diariamente, bebendo dessa fonte.

Fernando – Primeiro teve esse projeto "Briga de Foice", depois "Forró de Dois" e agora "Italo e Renno". Como foi esse processo de mudança de nome?

Italo – Antes desse (*Forró de Dois*), ainda teve um que era bem ruizinho, o nome...

Renno – A gente fez alguns shows ainda como Forró Matuto.

Jéssica Colaço – Em que ano, mais ou menos, isso?

Renno - Mil seiscentos e... (*risos*) Período barroco. Dois mil e cinco, 2006, por aí. A gente fez o Briga de Foice, que foi o projeto instrumental. Depois dele, a gente decidiu formar a dupla. O primeiro show da gente era junto com Geraldo Azevedo (*cantor e compositor pernambucano*), no Kukukaya (*casa de show de Fortaleza*). O cara que estava fazendo show lá (*Helio Santos, produtor de eventos*) disse: "Cara, tive uma sacada pro nome de vocês".

Italo – A gente: "Porra, massa, qual é,

"(...) são muitos elementos que, se você souber trançá-los da maneira correta, você produz uma música mais agradável, mesmo ela sendo um batidão." – *Italo*

Além de *Tome Love*, outras músicas da dupla também fizeram, literalmente, a cabeça da equipe. Gabriela Alencar virou fã de Mulher Valente, enquanto Jéssica Colaço não parava de ouvir Toca Sanfoneiro.

qual é?".

Renno – Ele disse: "Xelexéu" (*gargalhada da turma*). Eu olhei pra ele e disse: "Macho, um negócio pra rimar com carretel, tu quer que a gente bote?" (*carretel é a gíria usada para denominar o ânus, no Ceará*). A gente meio sem ideia: "Pô, vamos botar o quê?". Ele (*Helio*) sugeriu Forró Matuto. Fizemos esse primeiro show como Forró Matuto, só um show. "Cara, esse nome não tem nada a ver com a gente, porque nós não somos matutos, nós não somos dois véi (*velhos*), nós somos dois garotos, vamos botar outro nome". Botamos Forró de Dois, e foi uma escolha muito feliz, praquele tempo. Ainda hoje, as pessoas lembram do nome Forró de Dois. Mas era forró, e não tinha o nome da gente, então: "Porra, só forró, a gente vai ter de tocar só forró?".

Italo - Ainda assim encontramos muita dificuldade com esse nome (*Italo e Renno*), porque muita gente pensa que é dupla sertaneja, mas por mais que traga problemas é o que melhor define a gente já que meu nome é Italo e o dele é Renno.

Ingrid – A dupla começou depois que um músico que o Italo acompanhava faltou a uma apresentação. Vocês consideram que a formação da banda foi acidental?

Italo – Acidental não. Eu convidei o Renno pra tocar comigo e foi proposital a nossa decisão de formar a dupla.

Renno – Acho que ia rolar. A gente já estava começando a pensar por esse lado de montar um trabalho. Né, Italo? (*Italo concorda*). Nós já éramos muito próximos, até namorada a gente já dividiu. (*risos*)

Vandecy – Foi nesse episódio, em que o cantor não foi se apresentar, que vocês adotaram a sanfona nas apresentações?

Italo – Já tocávamos sanfona, mas foi nesse episódio que fez com que a gente embarcasse com a sanfona. Porque nós já tínhamos um trabalho juntos com piano e música instrumental, no "Briga de Foice", e o Renno já tocava sanfona. Foi daí que tive a ideia de chamar o Renno quando o músico faltou. Foi tudo meio misturado.

Juscelino – Qual foi a influência e a importância do Fagner pra vocês dois, na carreira musical?

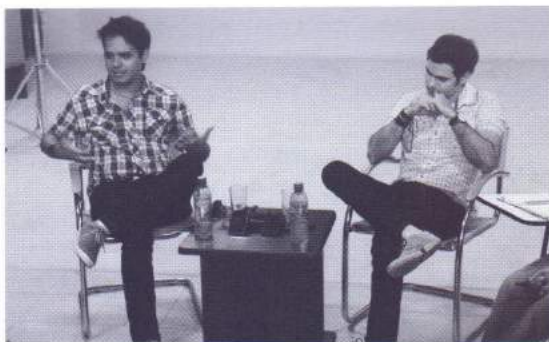
Renno – Com relação ao lance do Fagner, eu não vou me estender muito porque a importância do Fagner pro Estado do Ceará, todo mundo já sabe, né? O que ele fez pela música cearense. No primeiro momento da carreira do artista, você ser comparado ao Fagner, comparado ao Dominginhos (*instrumentista, cantor e compositor brasileiro*), comparado ao fulano e beltrano, é muito bom, porque é um referencial. Mas vai pas-

sando o tempo... É igual uma célula-tronco, meu irmão. Você começa parecendo todo mundo, depois você vai se especializando e você vai sabendo pra onde é que você vai. A gente escolheu ser o Italo e Renno, que hoje não tem mais nada a ver com o que o Fagner faz, não tem mais nada a ver com o que o Dominginhos faz, tem nada a ver com o que o Geraldo Azevedo faz, tem nada a ver como o que Elba Ramalho faz (*cantores e compositores brasileiros*) – porque que eu citei esses quatro expoentes aí? Porque com todos os quatro a gente já dividiu palco e já teve alguma coisa com eles, e foram essenciais, fundamentais. A importância deles é fundamental pra você conseguir dirigir a sua carreira, conseguir formatar um trabalho, conceituar – mas você passar o resto da vida remetendo ao lance do Fagner, do Dominginhos, não sei o que, é chato isso. É chato porque você não é mais aquele espelho dos caras, entendeu? (*Mas*) a importância deles, pra nossa carreira, foi determinante, né Italo?

Italo – Por diversas vezes, a gente já se pegou pensando assim: “Cara, o que o Fagner faria nessa ocasião?”. Porque o Fagner é um cara muito... Como é que eu vou adjetivar o Fagner...?

Renno – Quer dizer minuncioso?

Italo – Não... O Fagner é um cara muito... Ele tem características muito fortes. Ele é um cara que, se precisar gritar com a presidente Dilma, ele grita. Se precisar bater a porta na cara de um jornalista da Globo (*Rede Globo de Televisão*), ele bate, como eu já vi. Ele é um cara que, pelas suas características próprias, pela vida dele, todo o curso dele, pelo que ele foi e é hoje, ele é um cara com a personalidade muito forte. É fácil você aprender com o Fagner, é só você tá perto, ali. Você aprender o que fazer e, às vezes, o que não fazer também. Ele é um cara que nos ensinou muito como sair de situações difíceis, porque o artista se mete em situações difíceis demais, sabe? Em que você tem de ter um jogo de cintura. Eu nunca vi o Fagner receber menos de 50 pessoas no camarim, depois de um show dele, nunca. Trabalhei cinco anos com ele, o cara cansado, às vezes fazia aquela linha Acre, São Luís, Teresina, Fortaleza, Recife, até o Paraná. Sabe o que é sair três horas da manhã e chegar cinco horas da tarde, do outro dia? E fazer o show? Depois do show, o cara recebeu todo mundo. Nesse aspecto, ele é impressionante. Você percebe que o carinho que as pessoas têm por ele também é por causa disso, então a gente aprende. Hoje, a gente recebe todo mundo, e eu tenho certeza que foi a exemplo do Fagner que a gente faz isso. Não pra imitar o Fagner, não, mas porque a gente



percebeu que aquilo ali é legal, entendeu? O Fagner, cara, é impressionante! Aquele cara cantou as dores do Nordeste, mais do que ele, acho, só Luiz Gonzaga (*compositor popular brasileiro*). Ele é isso e a importância dele, pra gente, é mais ou menos essa.

Alan – Vocês acham que esse estilo instrumental acabou ajudando a dupla a ter uma maior preocupação musical na hora das composições?

Italo – Sem dúvida nenhuma.

Renno – Ajudou pra cacete, mas atrapalhou pra caramba, também. (*risos*)

Italo – Eu vou falar da parte que ajuda e o Renno vai falar da parte que atrapalha (*brincando*). Ajudou porque nós tivemos a oportunidade, não só da faculdade, mas por essa experiência musical instrumental, de sermos instrumentistas, entendermos como é que funciona o alicerce da música, como é que se faz um arranjo, qual o papel da bateria, qual o papel do baixo, onde é que o piano tem de tocar, onde é que a sanfona toca, onde é que fica mais bonito. Então, são muitos elementos que, se você souber trançá-los da maneira correta, você produz uma música mais agradável, mesmo ela sendo um bati-dão. Por que é que o David Guetta (*músico francês que atua como DJ no gênero House Music*) é um dos DJs mais aclamados do mundo? Porque ele sabe fazer arranjo, não é porque ele aperta um botão e sai tocando o negócio, não, porque isso aí todo mundo faz, né? Por essas duas experiências muito importantes, teórica e prática; universidade, Timbral e Marimbanda, nós temos, hoje, um alicerce muito bacana pra poder formatar o nosso trabalho. É tanto, que, antes de vir pra cá, eu estava em casa escrevendo arranjos. Então, quando você ouve nosso disco, você percebe que existe uma coisinha diferente ali, a gente transita exatamente nessa linha, entre o popular – popular não, eu chamaria de mais comum –, que as pessoas estão habituadas a ouvir, até pra poder chegar mais fácil na cabeça delas, mas colocando uma pitadinha de tempero, e esse tempero você só coloca quando você sabe, né? Não é só sal e nem pimenta, tem outras coisas. A gente pode pegar um tempero lá da Arábia e co-

A música Ceará Terra da Luz, um dos trabalhos responsáveis pela popularidade dos músicos, foi criada a partir de um jingle produzido por eles para a TV Diário. Segundo Renno, a dupla fez um plágio dela mesma.

No CD Diante de Ti, cinco composições são de autoria de Italo e Renno. Além dessas canções, a dupla incluiu no disco algumas músicas tradicionalmente tocadas em cerimônias religiosas

O local escolhido para a entrevista foi o estúdio de TV da UFC. No dia do encontro, a produção teve que chegar muito cedo para conseguir entrar no estúdio com antecedência e arrumar tudo.

locar na nossa música, mas tem de saber escrever, saber o que é e do que é que se trata. Esse é o lado bom de ter trilhado esse caminho, agora o lado ruim...

Renno – O lado ruim é sempre comigo, né? (*risos*) O lado ruim é que acabou tolhendo a gente, muito. Porque, por muito tempo, a gente foi tido como os dois garotos – espero que vocês não interpretem mal – mas muita gente chegava e: “Aqueles meninos tocam pra caramba, os dois garotos prodígio”. Porque a gente tinha pouca idade e não tinha nenhum pianista na cidade, a verdade é essa. Tinham poucos, a maioria dos pianistas que tinha eram mais de idade, não estavam a fim de se aventurar. E a gente não. Nós fomos montando um conceito no nosso trabalho que, quando chegava lá no jornalista, o jornalista falava: “Porra, cara, aqueles meninos tocam pra cacete!”. A gente foi e: “Porra, bicho, e agora como é que a gente vai fazer um trabalho popular?” (*em diálogo com Italo*). Porque a mídia tem a grande facilidade de interpretar a coisa de uma maneira errada. Eu não conto as vezes que a gente dá entrevista pros jornalistas e sai errado! Sai errado porque não é só uma questão de palavra, é questão de você entender o contexto da coisa. Você escreve uma coisa, ela pode soar de várias maneiras. O cara escreve, depois de uma semana, quando a matéria vai rodar, a pessoa vai ler e entende de outro jeito. A gente ficou muito preocupado em como é que os caras (*jornalistas*) iam nos receber, e passamos a ser – hoje, ainda somos – criticados por alguns, e eu acho isso ótimo, ótimo! Porque, se a gente é criticado e consegue ficar na mesma linha, numa linha mais popular, é porque nós resolvemos mesmo bater o pé: “Eu não saio daqui, eu vou fazer a minha música pro povo, eu não vou fazer música pra jornalista, nem pra público formador de opinião”. Agora, a bagagem que

“Esse é o lado ruim do mercado, é quando a galera produz música só pra ganhar dinheiro, sem se preocupar se vai prejudicar alguém, principalmente.” –
Italo

Para acomodar todos os entrevistadores, o Fernando Wisse e o professor Ronaldo Salgado tiveram que pegar emprestadas as cadeiras do laboratório de fotografia da UFC.

a gente tem, de instrumentista, tem um peso muito grande, acho que tem um peso maior, até, do que a popularidade da nossa música, que é de gerar um conceito. Nós podemos fazer desde a música instrumental, tocar nossa sanfona num festival de jazz, e podemos também cantar junto com Aviões do Forró, junto com Garota Safada (*bandas de forró eletrônico*), junto com quem a gente quiser, desde que faça sem, obviamente, ferir a índole e o limite do nosso trabalho.

Jéssica Colaço – Voltando um pouquinho pra época que vocês estavam saindo da faculdade, começando esses trabalhos profissionais com as bandas mais, digamos, feitas pro mercado, não exatamente para o mercado. Qual a diferença que vocês sentiram entre a música que vocês tocavam e aprendiam na faculdade pra música que vocês tocavam quando iam pra essas bandas? Como era essa transição?

Italo – Esse é um assunto muito vasto. A música, gente, ela tem função, certo? Eu não consigo entender, conceber uma música sem ter uma função. O cara canta pra criticar um sistema, ou então, o cara canta pra agradar alguém, conquistar alguém. E existe aquele ambiente onde as pessoas fazem música, produzem sons, só pra ganhar o dinheiro, sem se preocupar com outra coisa. Esse é o lado ruim do mercado, é quando a galera produz música só pra ganhar dinheiro, sem se preocupar se vai prejudicar alguém, principalmente. É essa relação da música que a gente fazia antes com a música que a gente faz agora, a gente tá sempre preocupado com isso, com que ambiente a gente quer transitar, até onde a gente quer, aliás, aonde a gente quer que a nossa música chegue. A gente quer vender a nossa música pra um mercado que faz música só pra ganhar dinheiro? A gente quer algum conceito na nossa música? A gente quer ser lembrado daqui a 40 anos como dois caras que fizeram uma música bonita? Ou a gente quer simplesmente ficar rico, vender tudo e: “Ah, agora eu vou criar gado”? Eu acho que o que a gente quer é contribuir com alguma coisa, fazer uma música que tenha um conteúdo, mas fazer também uma música que chegue até as pessoas mais simples também, sabe? Por muitos anos, a gente fez uma música muito cerebral, e, sinceramente, eu, na época da Marimbanda, tocava pra mim. Eu tocava pra mim, tocava olhando pro meu instrumento, tocava de cabeça baixa (*imita a forma como tocava antes, com a cabeça baixa*). Quanto melhor eu tocasse, quanto mais eu tocasse, pra mim, eu ficava realizado com aquilo ali. E hoje é diferente porque você toca pra alguém dançar, né? Isso já é bac-

na. É pequeno, parece pouco. Mas você vê que as pessoas dançam com prazer, sabe? A gente toca música pra dançar, de vez em quando a gente faz uma música pra ouvir, de vez em quando a gente faz música engraçada. Mas fazendo o possível pra transitar nesse universo que compreende a música, que ela seja popular, mas ela não seja popularesca – eu não sei gente, me desculpem vocês, eu não sei nem definir a palavra popularesca, eu ouvi algumas vezes e tô falando aqui, no meu conceito, pra definir uma música que é feita só pra ser popular, pra mais nada...

Renno – *(interrompendo)*... Fuleragem!

Italo – Isso. E essa música não nos interessa. Se algum dia a gente fizer uma música que fique muito vazia e faça muito sucesso... Se isso acontecer, acho que, no outro dia a gente tem de fazer uma música com algum conceito, pra dar uma balanceada, sabe? Mas ferir os conceitos morais, isso aí, realmente, a gente nunca, se Deus quiser, nunca vai embarcar nessa, não.

Jéssica Welma – Italo e Renno, entre todos os estilos musicais que vocês conheceram, que gostaram de tocar, por que vocês decidiram investir no forró?

Renno – Posso responder? Porque é a única coisa que dá dinheiro. É a única coisa que vai manter a gente como artista. Não tem, não tem nem escapatória! É a mesma coisa de tocar o calypso no Pará, de tocar o samba no Rio de Janeiro, cada estado com seu habitat *(referindo-se ao ritmo que caracteriza cada estado)*, né? Hoje, a gente escolheu a sanfona... “Ah, por que é que vocês não continuaram tocando piano?”. Me diz o nome de um pianista famoso, que tu assististe ao show dele, ele tocando e cantando. Não tem, não tem. Os que tinham estão fracassando musicalmente – fracassando assim, não é desprezando a história que eles têm, é hoje, o mercado. É a questão de você conseguir equilibrar o mercado e a música, é só isso. Por isso que a gente escolheu o forró pra poder...

Italo – *(interrompendo)*... Eu queria só acrescentar na sua pergunta que, tocar o forró porque era a única coisa rentável no mercado que a gente tá, é diferente de tocar só pra ganhar dinheiro, entende?

Renno – A preocupação do Italo é dizer que a gente não faz música só por dinheiro, mas, você não consegue fazer música sem dinheiro.

Italo – É, você não consegue sobreviver, né?

Jéssica Welma – E se não fosse a questão financeira, qual seria o estilo preferido de vocês?

Renno – Eita porra...

Italo – Eu sei. Eu investiria em nenhum estilo. Eu investiria numa coisa livre, eu acho que eu seria dono de uma escola de música e, anexo, uma casa de shows onde tivessem shows de muita qualidade – embora, tá difícil! Embora, tá difícil! Por exemplo, aqui em Fortaleza, deveria ter uma casa de show, mesmo que de forró, classe A. Não tem. Todas as casas de show que a gente vê são quatro paredes com cimento no meio, um banheiro aqui, um palco de alvenaria, e um bar, sabe? E Fortaleza não investiu nisso *(casas de show)*, tenho certeza, porque as pessoas que cuidam do mercado, de maneira geral, não entendem muito de música, a verdade é essa.

Jéssica Colaço – Depois que vocês formaram a dupla, começaram a ficar mais conhecidos, como é que foi a inserção na mídia?

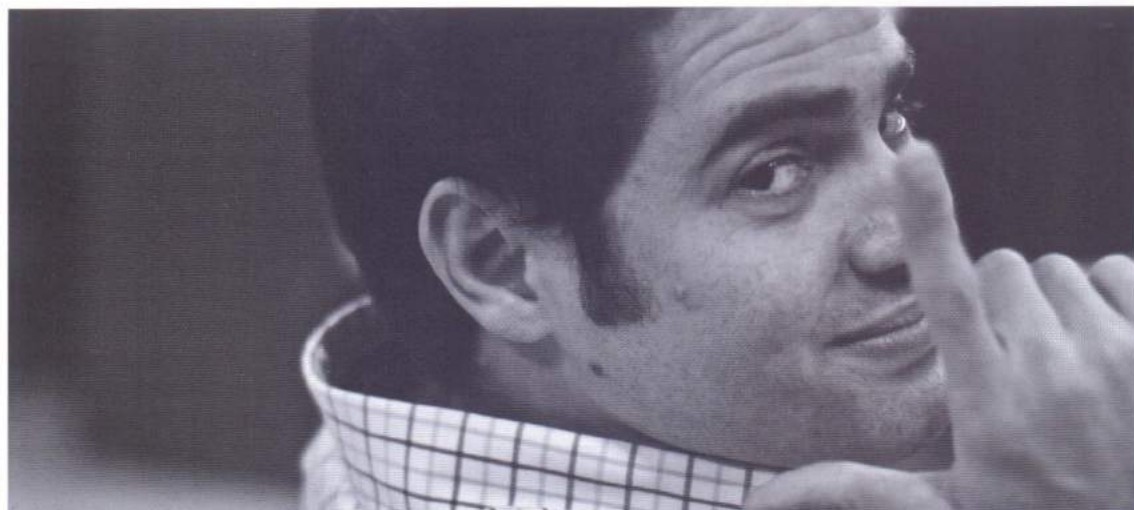
Renno – Difícil! Não foi fácil, não. Foi fácil não porque, hoje, a grande mídia de Fortaleza é 70 por cento paga, pra começar. E quando você fala em forró, na televisão, o cara diz logo: “Ah, é forró, tem que pagar”. Porque os grandes grupos que estão dominando o mercado são de forró. As bandas de forró, pra vocês entenderem, são montadas por, basicamente, operários da música, que são pessoas com carteira assinada, que são mal remuneradas, e não têm tanto conhecimento, a verdade é essa. Em contrapartida, os grupos são muito fortes, financeiramente, isso vem desde a cultura do Emanuel Gurgel *(empresário de forró responsável por empregar grandes bandas)*, ele sempre ganhou muita grana às custas das bandas dele, e nenhuma delas tem a cara do cantor, todas elas são nomes. Tanto faz ser o cantor A, B, C, D, a banda continua. Então, o que acontece? Esses grupos que detêm a grana, eles não têm uma música conceitual pra entrar, pra convencer o jornalista, só entra pagando. E a nossa música, mesmo tendo um conceito, a gente precisou se sujeitar, e muitas vezes pagar pra entrar em alguns programas de televisão, especificamente de algumas emissoras. Depois de um tempo, que você faz o seu trabalho, tudo fica mais fácil. Porque as

“(...) as pessoas que cuidam do mercado, de maneira geral, não entendem muito de música, a verdade é essa.” – *Italo*

No dia da entrevista, a produção estava tão ansiosa pela chegada dupla que decorou a numeração das placas dos carros dos entrevistados, checando cada veículo que entrava no estacionamento do Centro de Humanidades II.

Quando Italo e Renno chegaram à UFC para a entrevista, a assessora da dupla avisou para a equipe de produção que eles já estavam lá, mas precisavam de alguns minutos para se arrumar. Os dois ficaram cerca de 10 minutos se aprontando dentro do carro.

No meio da entrevista, o Renno pediu para ir ao banheiro. A temperatura da sala estava muito baixa devido à potência do ar condicionado e, segundo Renno, ele já tinha tomado "três galões de água".



pessoas vão entendendo que você tá do lado do Fagner, você faz um clipe com o cara cantando a sua música – aqui no Ceará, eu acho que só tem o nosso clipe com ele (*clipe da música Ceará Terra da Luz*), porque ele não dá colher de chá pra qualquer um não, ele só vai quando ele curte o lance; Dominginhos também já gravou música com a gente (*referindo-se à música Toca Sanfoneiro*). Quando a gente fez esse trabalho, automaticamente, as portas já começaram a se abrir, (*as pessoas*) já viram o nosso trabalho com um conteúdo diferenciado. E até hoje, a gente procura pôr, no nosso trabalho, um conteúdo a mais, que justifique a nossa vivência musical, o nosso conhecimento, a nossa formação em música, porque, senão, você acaba sendo a mesma coisa que todo mundo faz. Hoje, a gente tem as portas abertas das TVs, das rádios, mas isso é fruto de um trabalho que vem sendo feito ao longo desses sete anos, não só de exposição na mídia, não só de popularização desse trabalho, mas, principalmente, de conceito. A gente trabalha, hoje, em cima de um conceito, passou do nosso conceito, a gente não abre nem pro trem. É isso que vai garantir uma permanência maior do nosso trabalho dentro do mercado.

Yohanna – Com a repercussão do trabalho que vocês desenvolveram, vocês ficaram conhecidos como representantes do Ceará. Como isso aconteceu?

Italo – Isso aconteceu por conta da música Ceará Terra da Luz. Nós tínhamos a pretensão de fazer uma música que falasse sobre o Ceará, porque a gente viu que tinha essa lacuna na época. Falta uma música tocando por aí que fale sobre o Ceará. Tivemos a grande sacada de chamar o Fagner pra fazer o clipe com a gente, e, principalmente, uma sacada maior ainda, (*que*) foi a de pegar o meu carro, o carro do Renno, entupir de câmera e sanfona e viajar pelo Ceará fazendo imagens. É o trabalho que mais me orgulha hoje. Rodamos 2.740Km, gravando sempre

no amanhecer e no entardecer, e viajando e dormindo no resto do tempo. O percurso foi: Fortaleza, Jericoacoara, Viçosa, Sobral, Juazeiro, Ubajara, Quixadá, Orós, Icapuí e Canoa Quebrada (*idades cearenses que abrigam alguns dos pontos turísticos e paisagens bonitas do Estado*). Foi um trabalho de música e audiovisual que o Ceará não tinha ainda. E esse trabalho, pra nossa felicidade, caiu nas graças da Rede Globo, que fez uma edição de 1 minuto do vídeo e veiculou na TV fechada. Cada estado tinha o seu vídeo, e quando mostrava o do Ceará era a música "Ceará Terra da Luz" de fundo, e o nosso clipe passando. Foi um sucesso tremendo, até hoje, quando a gente vai pra outros estados, pedem pra tocarmos a música.

Fernando – E como vocês encaravam essa responsabilidade de representar o Ceará?

Italo – Bom, isso foi uma coisa meio que imposta pra gente. Muita gente pensa que é uma música feita pelo Governo do Estado. E essa música não tem uma raspa de unha Governo do Estado.

Renno – Não tem uma "chulipa" (*brincando*).

Italo – O Governo nunca nem nos telefonou a respeito dessa música para nada, a não ser a Secretaria de Turismo que pediu permissão para exibí-la num evento isolado.

Renno – E gente não queria vincular essa música ao Governo do Estado.

Italo – Esse trabalho (*Ceará Terra da Luz*) fez com que os jornalistas e formadores de opinião colocassem na gente essa nomenclatura, mas acho que não somos capazes de assumir essa responsabilidade de representar o Ceará musicalmente, não como únicos representantes. Tem tanta gente importante, talvez a gente represente o Ceará num evento, num jogo da Copa do Mundo, mas dizer que nós somos os representantes da música do Ceará... Isso é até um desrespeito para com tantos outros artistas.

Renno ainda tirava tempo pra brincar com a fotógrafa Isabel Filgueiras, fazendo caretas e poses durante a entrevista para sair bem na foto da revista.

Jéssica Colaço – Vocês estão sempre presentes nas festividades do Governo do Estado. O Davi Saraiva, empresário de vocês, falou em pré-entrevista que vocês sempre tiveram um relacionamento muito bom com o Cid Gomes (*governador do Estado do Ceará*), que ele sempre acreditou muito no trabalho de vocês. Até que ponto isso ajudou a dar visibilidade na carreira da dupla?

Italo – Primeiro queria ressaltar que nossa relação com qualquer órgão, seja Governo do Estado, Prefeitura ou instituições quaisquer, nunca foi uma relação de apadrinhamento. Nós nunca fomos apadrinhados, à exceção do Fagner, que nos apresentou um diretor ou algo do tipo. Nossa relação com essas instituições é comercial, de contratação. Como é natural pra qualquer artista. Mas você sente quando o seu contratante está lhe contratando por uma conveniência ou porque ele tem uma admiração. E a gente sente que o Cid tem essa admiração pelo nosso trabalho, assim como eu, como cidadão cearense, tenho uma admiração pelo trabalho dele. Nunca vi um cara trabalhar igual ao que ele trabalha, e como eu e o Renno temos essa característica, de sermos aficionados por trabalho, nós o admiramos por isso. Assim como existem outras pessoas que admiramos e que gostam do nosso trabalho.

Vandecy – Vocês têm medo de virar só uma modinha passageira?

Italo – O Renno vai poder responder melhor, mas eu tenho esse medo constantemente.

Renno – Quem não vira moda também não é visto, a verdade é essa! Eu prefiro virar moda no inverno, no verão, estar sempre na moda. Isso é você se adaptar ao mercado mesmo, não tem outro jeito. A música que a gente fazia há seis anos é totalmente diferente do que fazemos hoje, não tem nada a ver. A gente foi se adaptando ao mercado e foi a maneira de nos inserirmos, de trabalhar, de viver bem e de ter uma equipe maior. Esse é o grande dilema que a música brasileira vive, na minha opinião. Uma crítica pessoal, minha – não tem nada a ver com o Italo – é que aquele pseudo-intelectual que vive metendo o pau em todo mundo e ainda vivendo de Luiz Gonzaga, Chico Buarque... Se liga que isso tá mudando. As gravadoras quebraram, os pirateiros estão aí!

Italo – E esses estão quebrando também. Você pode virar só moda, pode não virar moda ou pode virar moda e continuar seguindo. O artista consegue isso se renovando, lançando trabalhos diferentes. Às vezes, você lança um trabalho que pega um público menor, mas esse público gosta muito, e outras vezes pega um público maior, mas

dois meses depois, já foi. Existem diversas maneiras de conduzir o seu trabalho. Vou citar aqui o exemplo da Ivete Sangalo (*cantora e compositora brasileira*), uma artista extremamente popular, que tem o carisma como diferencial. Ela conseguiu popularizar a personalidade dela. No que diz respeito à música, a Ivete sempre se renova, lançando um DVD gravado no apartamento dela, num tom mais intimista com artistas da MPB e em outro ano ela lança uma música falando do Lobo Mau que vai comer não sei quem (*referindo-se à música "Lobo Mau", lançada em 2010*). Uma parte da população chegou junto e outra não. Eu próprio critiquei pra caramba a Ivete! O que todo artista quer, na realidade, é se manter popular, mas conservando as características próprias.

Vandecy – Aproveitando que você falou de agradar a diferentes públicos, o CD Diante Ti, que vocês lançaram em 2010, foi voltado para o público cristão. Como foi que surgiu o interesse de fazer esse CD?

Renno – O CD Diante de Ti foi uma empreitada que a gente resolveu trilhar porque já era uma vontade que tínhamos. Nós somos de famílias cristãs, somos católicos. Essa convergência surgiu num momento oportuno, que foi a vinda do Padre Reginaldo Manzotti ao Ceará. Já havíamos tocado no Evagelizar (*evento religioso*) e ficamos maravilhados com aquela estrutura e com público que ele atingia cantando e só falando coisa boa. A gente sempre teve esse sonho de atingir um público gigantesco só fazendo música legal e sem precisar descer a moral. Então, foi depois do Evangelizar que decidimos fazer o CD Diante de Ti. Esse disco foi impulsionado por conta de uma música que nós fizemos para o padre Manzotti, com a letra que nós ganhamos de uma lavadeira. Fizemos algumas adaptações e, com 15 ou 20 dias no rádio, a música fez mais de milhão de pessoas emocionarem o padre cantando numa só voz. Foi o estopim da ideia para

"A gente sempre teve esse sonho de atingir um público gigantesco só fazendo música legal e sem precisar descer a moral" - Renno

Durante toda a entrevista, a dupla sempre demonstrava bom humor com brincadeiras e piadas, principalmente Renno, que arrancava boas gargalhadas da turma.

Na reunião de pauta, a turma ficou apreensiva com o fato de serem dois entrevistados. O receio era que os dois não tivessem o mesmo espaço de fala na entrevista.

Mas a equipe nem precisou se preocupar: involuntariamente, Italo e Renno controlavam seus tempos de fala, revezando-se para garantir que os dois pudessem responder as perguntas.

formatar esse disco. Foi um marco da nossa carreira, tanto do lado profissional, como do lado pessoal.

Italo – Funcionou também como válvula de escape, não que nos sentíssemos oprimidos, mas quem não gosta de dar uma “variadinha” no seu trabalho, de vez em quando? Nesse disco, a gente se permitiu mexer também na questão musical, a gente trabalhou mais arranjo, tem orquestra de cordas, piano acústico. Apesar de ter uma pitada de forró e xote, é um disco mais orquestrado, com timbres mais variados.

Jéssica Colaço – O empresário de vocês identifica o início de 2011 como um período que vocês deram uma mudada no estilo musical. Como que foi essa mudança e o que motivou?

Renno – Foi ótima, foi a melhor coisa que a gente fez na nossa vida até hoje, tirando se conhecer e... Casar (*risos*)? Porque deu uma guinada no nosso trabalho. O primeiro passo foi com a música Se você quiser, que foi uma música que nós fizemos e foi gravada pelo Aviões do Forró, e é uma canção que até hoje a gente toca e é uma unanimidade, porque é uma música que não fala bobagem e cativa as pessoas pelo embalo, e pelo ritmo. Com isso, a gente começou a dar uma mudada no conceito do ritmo da nossa música. Antes tocávamos muito xote, uma dança que as pessoas dançam mais juntas, mas hoje, como a proporção de gente solteira num forró é muito maior que antigamente, a galera vai mais pra curtir, pra beber, a verdade é essa. Vai todo mundo meio que “soltão”, e essa música proporcionou aquelas pessoas que estão soltas dançarem também esse ritmo, que é o ritmo que a gente toca hoje. Antes a gente tocava mais xote e agora estamos puxando uma batida mais quente e mais acelerada, né *Italo*? (*Italo acena a cabeça concordando*). É realidade que nosso trabalho está mais próximo desse público, desse ambiente universitário, e era o que a gente queria.

Aline – E qual é o público que vocês querem atingir?

Renno – Pros jovens, né? Antes, a gente só tocava para as vovós. Éramos o terror das vovós (*risos*). O legal do nosso trabalho, hoje, é que nós tocamos tanto em casas de show, de forró, quanto em festas conceituadas como grandes buffets, em prêmios, festas do Governo do Estado, da Prefeitura, em Réveillon. Isso é uma prova (*de*) que a gente consegue permear com tranquilidade por esses ambientes, conseguimos fazer uma música mais conceituada e também uma música mais popular.

Italo – E isso é possível. Isso é o assunto que eu gosto mais de falar, pois mexe com

essa parte de técnica musical. Existe a questão conceitual, que você pode admitir a mudança conceitual do trabalho. E você pode também analisar isso tecnicamente. Eu gosto muito de falar sobre isso, pra vocês entenderem o que 99,9 por cento do público não entendem nem estão interessados em entender. A gente pode fazer uma música popular, alegre, divertida, dançante e empolgante sem precisar falar palavrão, e a gente pode mudar o nosso estilo alterando a batida, os instrumentos e os arranjos, sem sair da atmosfera que a gente tinha. Nós tocávamos o Ceará Terra da Luz em ritmo pé-de-serra e hoje tocamos a mesma música com um teor mais moderno, musicalmente falando. (*Nesse momento, Italo começa a cantar a música “Sala de Reboco”, de Luiz Gonzaga, fazendo o ritmo com batidas da mão e do pé. Primeiro, ele toca em estilo pé-de-serra, depois, em um ritmo mais acelerado*) É a mesma música, mas com a batida diferente. O que acontece é quando a gente tem o preconceito e esse preconceito cega a gente, sabe? É você dizer: “Ah, a banda fulana de tal toca muita porcaria!”, mas de repente você vai ouvir uma música e nem é porcaria, é porque você já está com um preconceito na cabeça e, quando o cara tocou uma música que era uma porcaria, você não consegue ouvir mais nada. Isso é prejudicial para nossa cultura, para os artistas, para o público, para todo mundo. Quando você tem uma cabeça um pouco mais aberta, você precisa parar pra analisar cada passo daquilo que você gosta e daquilo que você não gosta, porque vai chegar um momento em que aquilo que você defendia vai lhe decepcionar com alguma coisinha porque ninguém é perfeito, ninguém passa a vida inteira fazendo uma coisa que agrada a todo mundo. Como aconteceu com a gente, quando gravamos o *Tome Love* e clipe começou a rolar por todo canto, chegou uma galera dizendo: “Pô! Vocês abandonaram... Não é mais forró...”. Houve gente que disse que a gente era coisa do capeta (*risos*). Não é, analise direitinho (*começa a cantar a música Tome Love*): “Você tá me esnobando/ Falou pras amigas/ Que eu era bobinho, santinho, tolinho/ Não fazia nada... E tome love, tome love/ Tome love, tome love/ O dia inteiro... Vai ter beijinho abraço e cheiro.” Qual o mal que tem em “ter beijinho, abraço e cheiro”?

Renno – O pessoal pensa logo em sexo.

Italo – E não é (*sexo*). Então, onde que tá o defeito? No *Tome Love* ou (*em*) quem tá com a cabeça condicionada a pensar isso aí? A gente precisa analisar, porque isso é prejudicial e limita. Coloca, com seu preconceito, um cadeado na cabeça das pessoas. Pra ser

A turma estava na expectativa de que os músicos levassem seus instrumentos e pudessem tocar algumas de suas músicas. Eles até levaram, mas deixaram dentro do carro, durante a entrevista.

um crítico de música, precisa ter conhecimento, não vá falar de música sem conhecer o que é uma colcheia (*categoria de nota musical*), uma pausa, um timbre, uma pauta musical. Se você não conhece, não venha falar. Chega a ser até um certo desabafo.

Alan – Quando houve essa mudança no estilo, os dois aceitaram de cara ou teve alguma resistência por parte de vocês?

Renno – Essa pergunta é boa pra cacete, porque o preconceito não é das pessoas, ele parte da gente mesmo. E foi fogo! Foram seis anos pra gente abrir os olhos e dizer: “Porra bicho, que merda, nós dois estamos cheios de preconceito sempre?”. Então, teve de partir da gente e abrir a cabeça. A música *Tome Love* foi a última a entrar no CD autoral da gente, ela não ia entrar, e se tornou a música do trabalho aos 49 (*minutos*) do segundo tempo, na prorrogação mesmo. E ainda preocupado com o preconceito, porque, quando eu fui mostrar uma parte dela pro Italo, eu tava preocupado (*e pensava*): “Pô, será que ele vai achar que é uma música fraquíssima, uma música tão ruim que eu tenha medo de mostrar?”

Italo – E ele foi morrendo de medo. Quando eu ouvi a música eu falei: “Porra, é isso aí!”. Pra você ver como muda.

Renno – O preconceito era nosso. Ainda tem o preconceito, mas, hoje, nosso preconceito diminuiu bastante. Dar um exemplo da Margareth Menezes (*cantora baiana*), uma pessoa superconceituada na Bahia, que gravou aquela música *Chupa Toda* com o Gilberto Gil (*cantor e ex-ministro da Cultura*), e você fica pensando: “Porra, o Gilberto Gil cantando *Chupa Toda*?”. Isso quer dizer que o Gilberto Gil é um cara de mente aberta, é um coroa que canta pra cacete, que dança o funk, que faz a maior putaria em cima do palco e curte. Nós ainda temos muito preconceito, o Italo sabe disso e eu sei disso, mas já diminuiu pra caramba!

Aline – Em pré-entrevista com a produ-

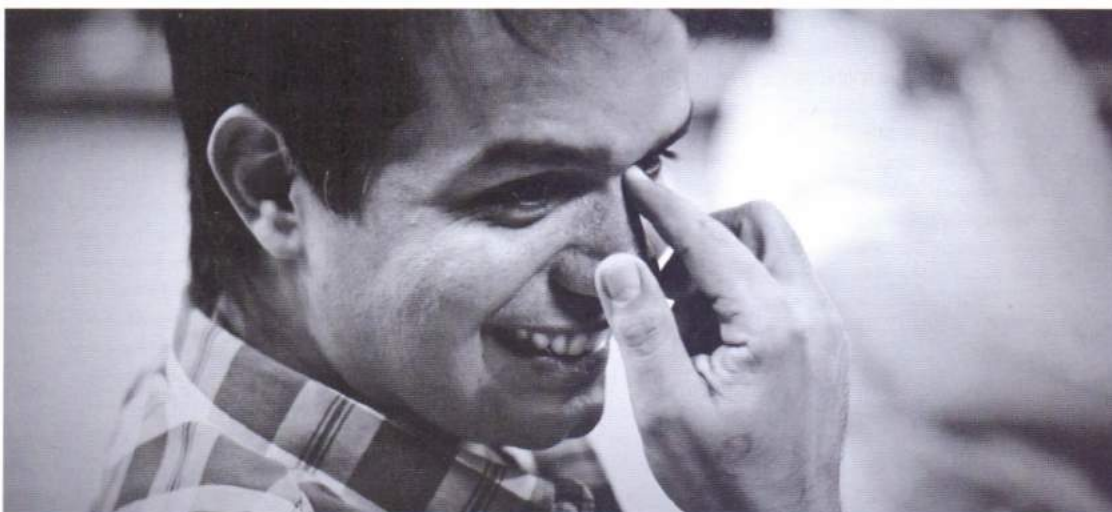
ção, o Davi Saraiva, empresário de vocês, falou que vocês se incomodavam com o rótulo de forró pé-de-serra. Por quê?

Renno – Porque o forró pé-de-serra já foi muito estigmatizado, (*o*) pessoal não tinha mais o que inventar e cria: forró pé-de-serra, forró eletrônico, forró das antigas... Isso é muito chato! Com forró pé-de-serra, você pensa logo em dois velhos tocando sanfona (*risos*). Nada contra a terceira idade, mas nós não somos terceira idade e esse não é nosso propósito. Nossa música não é de resgate, pra começar. Antigamente, até era. Hoje, a gente está se admitindo cada vez mais contemporâneo. Nós não somos o Dominginhos, somos Italo e Renno, não tocamos o tanto quanto Dominginhos e não somos tão geniais como ele, temos outra veia. Mas, hoje, podemos dizer que nosso trabalho tem um conceito que nos agrada e chegamos num formato que a gente queria. Por isso o rótulo de forró pé-de-serra incomoda.

Italo – A gente gosta de rotular as coisas – a população, a mídia, o público – pra poder separar e compreender melhor. Forró pé-de-serra e forró eletrônico são rótulos. A gente usa sample (*técnica que retira trechos de músicas para formar uma nova composição*) no nosso show, tem uma narração de um gol do Brasil, junto com uma batida eletrônica. No nosso show, a gente começa com pé-de-serra (*cantando a música Quebrar o Coco*): “Eu quero me trepar num pé de coco...”, depois, entra uma batida eletrônica (*simula com a voz a transição de cada ritmo*). Então, como vou vender um show como pé-de-serra se ele tem uma batida eletrônica, uma guitarra? Eu não gosto de nenhum rótulo, não que eu queira ser um cara que não tenha rótulo, mas nós gostaríamos muito que nossa música fosse compreendida como uma música mais livre.

Vandecy – Diante dessa re colocação no mercado e diante dessas críticas, em que o som que vocês fazem hoje é diferente dos

Ainda assim, eles cantavam, por diversas vezes, trechos de canções, acompanhadas por palmas e batidas de pé, demonstrando todo o talento e musicalidade da dupla.



Mesmo tendo um compromisso logo depois da entrevista, a dupla fazia questão de responder todas as perguntas e deixar claro que poderíamos “esticar” o tempo um pouquinho.

Depois que a última pergunta da entrevista foi feita, Italo e Renno deram uma palhinha da música *Tome Love*, batucando o ritmo com as próprias mãos. A turma acompanhou com palmas.

outros artistas?

Italo – Tem diversas coisas musicais (pausa). Em nenhum momento a gente pensou em colocar uma dançarina com menos roupa, porque a tendência é essa, né? Atente pra isso: esses caras podem não ter o conhecimento musical, mas têm o conhecimento mercadológico, porque, se eles não tem o conhecimento musical, como eles vão variar na música? Esse embasamento teórico e musical da gente permite que a gente mexa da música – e não use de outras coisas mais. A gente bota uma batida eletrônica, porque está em alta. Eu próprio estou louco por batida eletrônica, aficionado... E, quando mistura com esse timbre de cultura, cheiro de terra, uma zabumba (*imita o som da zabumba com batida eletrônica*), eu amo fazer isso (*empolgado*), e a gente tá mexendo muito com isso. Tem a questão dos arranjos também, nós não fazemos arranjos com instrumentos de sopro que as bandas (*de forró*) gostam muito por ser pontual, e isso tem uma razão de ser, não é aleatório. Nós usamos de outra maneira (*Italo imita o som dos metais que utilizam cantando e batendo palma*). Talvez mais rico. É dessa maneira que a gente se utiliza dessas ferramentas pra poder se diferenciar.

Jéssica Colaço – Pra finalizar eu gostaria que um avaliasse a importância do outro na dupla.

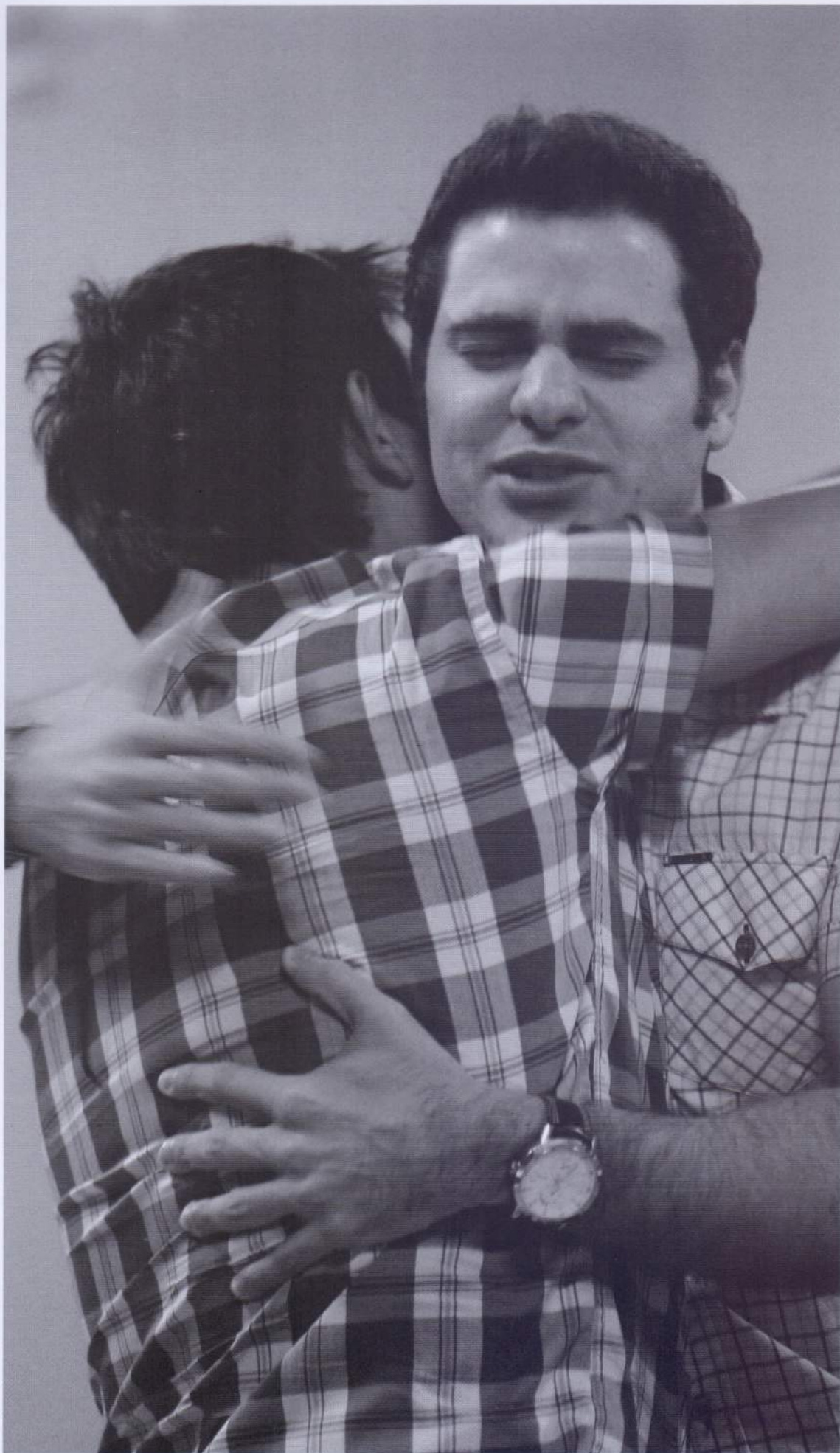
Renno – Vixe, tem uma faca aí? (*risos*).

Italo – Bem, nós – como a gente falou no início – temos personalidades bem diferentes, mas a gente tem um pensamento muito construtivo, acima de qualquer coisa. A gente vem aprendendo ao longo do tempo, mesmo com essa diferença gritante de personalidade, às vezes, porque o Renno é um cara muito agitado e eu sou muito passivo, eu tenho algumas aptidões e ele tem outras. A gente vem aprendendo, principalmente, que essa diferença é boa pra gente. No início a gente tinha problemas, porque ele queria de um jeito e eu queria de outro, nos batíamos muito de frente, mas aí você vai percebendo que, às vezes, você testa e de repente ali ele tava certo ou então ele vai ver que estava errado. Tudo isso parte de uma maturidade individual e a gente vai aprendendo a respeitar a opinião do outro. Chega um momento que as opiniões começam a ficar um pouco parecidas, porque a gente veio lutando com os mesmos problemas, vencendo as mesmas vitórias. A importância dele pra mim (*pausa*) é a importância de um cara que somou completamente por, graças a Deus, ser bem diferente de mim. Características que eu realmente precisava aprender pra minha vida e ele já tinha, essa coisa de ser agitado e tal, eu precisava de um pouco disso pra mim. Eu

compreendo hoje que nós precisamos não só melhorar em algumas coisas, mas nos curar de outras, acredito nessa coisa da cura, acho isso que vem da minha religião. Desde que a gente começou o trabalho eu mudei demais, eu era uma cara muito retraído, e hoje eu consigo falar em público e até as minhas batalhas pessoais eu consigo vencer de outra maneira porque o meu parceiro aqui (*pega no ombro do Renno*) entrou na minha vida. (*Os dois apertam as mãos*)

Renno – Casa comigo? (*risos*). Eu sou suspeito pra falar do Italo, porque, desde o primeiro momento, eu já entrei na história como fã. Sempre fui fã dele como profissional, e como pessoa, fui ter acesso depois. Pro Italo, eu tenho certeza, que muitas coisas da minha personalidade o incomodam, e ele aprendeu a conviver, porque eu não sou um cara de fácil convivência, não me convenço fácil, eu tenho uma opinião muito forte e sou teimoso. Se não fosse o Italo... Por exemplo, se fosse com o Davi, que é teimoso igual a mim, a gente quebrava o pau, mas o Italo é um cara muito pacífico e me ajudou a me acalmar mais. Hoje, eu sou um cara que, mesmo tendo um ritmo às vezes um pouco mais acelerado do que o dele, em alguns momentos eu me permito desacelerar pra poder curtir as coisas boas da vida, embora a gente não estar na fase boa da nossa carreira, a gente está na fase de muito trabalho ainda, e é consenso que na nossa vida, hoje, trabalho vem em primeiro lugar. A presença do Italo na minha trajetória me fez ver que realmente a gente combina pra caramba e a cada dia que passa eu sinto que a gente tá mudando pra melhor, se aperfeiçoando, colocando um azeitezinho nas engrenagens, porque trabalho com outra pessoa que às vezes tem uma opinião nada a ver com a sua, mas isso é importante, porque dá equilíbrio, coloca você no seu lugar. Nós somos uma dupla, da mesma forma que eu tenho minhas limitações ele tem as dele. Trabalhar com sócio é o mesmo que trabalhar com mulher, é um casamento, se você não tiver inteligência de conduzir um relacionamento da melhor maneira possível, ele vai por água abaixo. Graças a Deus, eu tenho um cara muito inteligente ao meu lado e ele está me ensinando cada passo da vida, cada vez que as minhas ideias erradas podem se aprimorar, ter um fluxo melhor e dar a volta por cima. Eu sou grato por estar com esse cara do meu lado, um “parceiraço”. (*Apertam as mãos, depois, levantam-se, dão um abraço e beijam o rosto um do outro, entre brincadeiras e piadas feitas por eles mesmos*).

A hora de fazer a foto oficial da entrevista, com toda a turma, também foi uma festa: Italo chegou a deitar no chão para fazer uma foto diferente, mas a fotógrafa não conseguiu capturar a pose do músico.



A foto oficial também foi registrada pela assessora dos meninos, Iara Almeida, que postou a imagem no da dupla: "Com a galera do Jornalismo da UFC... Uma entrevista show de bola...".

As calças coladas de Italo e Renno causaram certo frisson em algumas meninas da equipe. Ao final da entrevista, elas tentavam decidir qual dos dois tinham achado mais bonito.